

Transfiguração

EVANGELHO Mc 9, 2-10 «Este é o meu Filho muito amado»

□ Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos

*Naquele tempo,
Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João
e subiu só com eles
para um lugar retirado num alto monte
e transfigurou-Se diante deles.
As suas vestes tornaram-se resplandecentes,
de tal brancura que nenhum lavadeiro sobre a terra
as poderia assim branquear.
Apareceram-lhes Moisés e Elias, conversando com Jesus.
Pedro tomou a palavra e disse a Jesus:
«Mestre, como é bom estarmos aqui!
Façamos três tendas:
uma para Ti, outra para Moisés, outra para Elias».
Não sabia o que dizia, pois estavam atemorizados.
Veio então uma nuvem que os cobriu com a sua sombra,
e da nuvem fez-se ouvir uma voz:
«Este é o meu Filho muito amado: escutai-O».
De repente, olhando em redor,
não viram mais ninguém,
a não ser Jesus, sozinho com eles.
Ao descerem do monte,
Jesus ordenou-lhes que não contassem a ninguém
o que tinham visto,
enquanto o Filho do homem não ressuscitasse dos mortos.
Eles guardaram a recomendação,
mas perguntavam entre si o que seria ressuscitar dos mortos.*

O seu rosto ficou brilhante como o Sol

A Quaresma é considerada não apenas como uma preparação para a Páscoa, mas como uma verdadeira e própria iniciação sacramental à Páscoa. O ciclo A do leccionário oferece-nos, de modo especial nos próximos três

domingos, uma linha fundamentalmente pascal-baptismal. Por tal motivo podem ser definidos «domingos sacramentais», porque as suas leituras (o relato da Samaritana, o texto do cego de nascença e o evangelho da ressurreição de Lázaro) estão intimamente ligadas aos efeitos dos sacramentos da Iniciação: a água viva, a luz do mundo e a ressurreição e a vida. Segundo a tradição romana, para além da Eucaristia, o Baptismo é o sacramento pascal por excelência, como demonstra a admoção que precede a renovação das promessas baptismais na Vigília pascal: «Pelo mistério pascal, fomos sepultados com Cristo no Baptismo, para vivermos com Ele uma vida nova. Por isso, tendo terminado os exercícios da observância quaresmal, renovemos as promessas do santo Baptismo...».

Hoje, para o segundo domingo da Quaresma, a liturgia, pela narração da Transfiguração do Senhor, faz-nos entrever desde já o que nos aguarda no fim da nossa peregrinação rumo ao último dia. Jesus que venceu o poder do mal nas três tentações de sempre, isto é, a fama, a riqueza e o poder, como escutámos no passado domingo, agora transfigura-se.

Jesus sobe a um alto monte e toma consigo Pedro, Tiago e João e, enquanto rezava, transfigura-se diante deles. O monte é um símbolo extraordinário na Bíblia, como lugar dos encontros com Deus, onde Moisés recebeu a lei e conheceu mais profundamente o mistério divino, onde Elias encontrou o Senhor e escutou a sua voz.

Uma transfiguração de luz e de alegria, que antecipa a transfiguração de dor na noite escura do horto das oliveiras. Nesta aparente diferença está sempre o mesmo Cristo, próximo e obediente ao Pai. O seu rosto fica brilhante como o Sol. Ele que é o Sol da Justiça. As suas vestes brancas como a luz. A glória de Deus manifesta-se inesperadamente em Jesus. E, uma nuvem luminosa envolve os discípulos, os quais entram na sombra santa que é o Espírito. Da nuvem, uma voz: «Este é o Meu Filho muito amado, no qual pus o Meu enlevo: escutai-O». Esta voz no limiar da Páscoa evoca a voz do Baptismo de Jesus, no limiar da vida pública. Ambas concordam em sublinhar que Jesus é o Filho, o Filho amado. O acrescento da Transfiguração «escutai-O» salienta a missão de Jesus como a imagem do Pai. A presença do Pai é que opera a transfiguração.

A liturgia bizantina, dirigindo-se a Cristo, reza deste modo o mistério luminoso: «Transfiguraste-Te sobre o monte e, na medida em que disso eram capazes, os teus discípulos contemplaram a tua glória, ó Cristo Deus; para que,

quando te vissem crucificado, compreendessem que a tua Paixão era voluntária, e anunciassem ao mundo que Tu és verdadeiramente a irradiação do Pai».

Cristo aparece no meio de Moisés e de Elias, tipos dos quarenta dias de jejum. Em todo o Antigo Testamento se repete um desejo, o de ver o rosto de Deus. Agora, no momento do Tabor, os discípulos vêem o rosto de Deus no rosto humano de Jesus transfigurado na luz.

A perícopé da transfiguração está no centro do Evangelho em todos os Sinópticos. Parece, até, que na Igreja antiga se pensasse que o evento do Tabor precedesse de quarenta dias a paixão. Tal motivação conduziu o calendário litúrgico, tanto ocidental como oriental, ao colocar a festa da transfiguração a 6 de Agosto, precisamente 40 dias antes da festa da exaltação da santa Cruz a 14 de Setembro, quase a significar que a transfiguração prepara a proclamação de Jesus crucificado.

A Transfiguração do Senhor é a manifestação antecipada do Ressuscitado e aponta para a beleza futura da Igreja. O Ano litúrgico é considerado uma verdadeira liturgia, porque o conjunto dos momentos salvíficos, ritualmente celebrados especialmente na Eucaristia, são a memória dos acontecimentos que realizam na história o mistério da salvação¹.

De facto, a liturgia celebra, ao longo do Ano litúrgico, todos os mistérios de Cristo. O fundamento bíblico-teológico do Ano litúrgico radica na celebração e actualização do mistério de Cristo no tempo. Com efeito, a coordenada tempo é a categoria dentro da qual se realiza a salvação e é relevante na celebração do mesmo mistério de Cristo. Por isso, *«a santa mãe Igreja considera seu dever celebrar, em determinados dias do ano, a memória sagrada da obra de salvação do seu divino Esposo. Em cada semana, no dia a que chamou domingo, celebra a da Ressurreição do Senhor, como a celebra também uma vez no ano na Páscoa, a maior das solenidades, unida à memória da sua Paixão. Distribui todo o mistério de Cristo pelo correr do ano, da Incarnação e Nascimento à Ascensão, ao Pentecostes, à expectativa da feliz esperança e da vinda do Senhor. Com esta recordação dos mistérios da Redenção, a Igreja oferece aos fiéis as riquezas das obras e merecimentos do seu Senhor, a ponto de os tornar*

¹ Cf. M. AUGÉ, *Liturgia. storia, celebrazione, teologia, spiritualità*, Edizioni San Paolo, Cinisello Balsamo (Milano) ⁵2003, 251.

como que presentes a todo o tempo, para que os fiéis, em contacto com eles, se encham de graça»².

O facto de Deus ter entrado no tempo, carregou-o de eternidade. O tempo litúrgico não é uma noção, nem se entende em termos da cronologia, sendo antes considerado como manifestação do tempo propício dos eventos salvíficos (*kairoî*) que ritmam a existência temporal, um espaço vital do Espírito de Cristo, presente no quotidiano do cristão. Então, a história da salvação, ritualizada nas acções litúrgicas, é o cumprimento em nós, num movimento aberto e ascensional até à plenitude do mistério de Cristo, que a Igreja celebra cada ano, nos seus diversos aspectos, para tornar presente e comemorar o dom da salvação, não segundo esquemas subjectivos, mas através de um plano sacramental. O que aconteceu de uma vez para sempre na vida histórica de Jesus torna-se sacramentalmente presente à sua Igreja, cada vez que se cumpre o imperativo evangélico «fazei isto em memória de Mim»³.

Na verdade, só na teologia do mistério de Cristo se entende correctamente como a liturgia é presença real deste único mistério: principalmente por ser o seu memorial, continuando a história da salvação plenamente realizada em Cristo. A consciência da Igreja, no II Concílio do Vaticano, redescobriu a liturgia de maneira verdadeiramente nova como «meta, para a qual se encaminha a acção da Igreja e ao mesmo tempo a fonte de onde promana toda a sua força»⁴. Ao correr do Ano, a liturgia celebra Cristo com toda a amplitude do mistério pascal, por meio do anúncio da Palavra, da acção ritual-sacramental em determinados dias e tempos de festa (ritmo diário, semanal e anual), especialmente ao Domingo (fundamento e centro de todo o Ano litúrgico e o dia de festa primordial), porque o cristianismo é, sobretudo, uma história, um acontecimento celebrado e anunciado

² SC 102.

³ Lc 22,19; «... pois todas as vezes que celebramos o memorial deste sacrificio realiza-se a obra da nossa redenção» (MISSAL ROMANO, *Oração sobre as Oblatas, Quinta-feira da ceia do Senhor e Domingo II do Tempo Comum*, 248 e 306).

⁴ SC 10.

A liturgia da Igreja, nos primeiros séculos, tinha só o critério da concentração no único mistério da Páscoa de Cristo, passando depois a um critério de distribuição dos mistérios da vida de Cristo ao longo de um ano.

Na sua estrutura temporal orgânica, segundo os livros litúrgicos da liturgia romana, o Ano litúrgico começa no primeiro Domingo do Advento e termina no Sábado posterior à solenidade de Cristo Rei do universo. Esta noção de Ano litúrgico como um todo desenvolveu-se lentamente, em torno de dois eixos fundamentais, primeiro a Páscoa e sua preparação (a quaresma); depois, a partir do séc. VI, o Natal e sua preparação (advento), tendo, ainda, em conta os grandes ciclos cósmicos lunar e solar, respectivamente. O Ano litúrgico integra, em cada semana, o dia do Senhor (o Domingo) e anualmente a solenidade da Páscoa e as restantes festas. Com efeito, nos diversos tempos do ritmo anual na liturgia, a Igreja recorda todo o mistério de Cristo, venera a Virgem Maria e comemora os mártires e os santos.

A Transfiguração é uma escolha feita pelo Senhor para mostrar o seu rosto de glória, depois de ter mostrado, através da paixão, o rosto do sofrimento: «depois de anunciar aos discípulos a sua morte, manifestou-lhes no monte santo o esplendor da sua glória, para mostrar, com o testemunho da Lei e dos Profetas, que pela sua paixão alcançaria a glória da ressurreição»⁵.

Segundo os textos evangélicos, a Transfiguração é: a proclamação de Jesus como o novo Moisés (Mateus); a epifania gloriosa de Jesus e o Messias escondido (Marcos); o momento mais alto da preparação da paixão que se aproxima (Lucas).

A Transfiguração assinala um momento decisivo da vida de Jesus, constantemente revivido na liturgia da Igreja. A tal propósito, Leão Magno comenta: *«a principal finalidade desta transfiguração era dissipar nos corações dos discípulos o escândalo da cruz e que a humilhação da paixão voluntária não perturbasse a fé daqueles aos quais fora revelada a excelência da*

⁵ MISSAL ROMANO, *Prefácio «A transfiguração do Senhor» do II Domingo da Quaresma*, 183.

dignidade oculta. (...) Mostra manifestamente e visivelmente o esplendor da presente glória aquilo que os sinais precedentes, sob o véu dos mistérios, haviam prometido»⁶.

A glória de Cristo manifesta a glória do Pai e, ao mesmo tempo, resplandece em nós, para que nós possamos exprimir a mesma glória trinitária. «A vida da Igreja, a liturgia e a patrística convidam-nos a ler o mistério de Jesus Cristo transfigurado na vida de cada cristão»⁷.

A teologia oriental reconhece na Transfiguração uma nova manifestação trinitária após o Baptismo de Jesus, porque no monte Tabor «a voz do Pai testemunha, o Espírito ilumina e o Filho recebe e manifesta a palavra e a luz»⁸.

Existe, com efeito, uma relação íntima entre o episódio da Transfiguração e o Baptismo, a partir de três símbolos: a) o rosto de Jesus; b) a veste branca; c) a nuvem.

- a) O Baptismo é iluminação da fé⁹. Pelo Baptismo somos, com Jesus, revestidos de luz e tornamo-nos luz na Luz¹⁰. A vela, acesa no círio pascal, significa que em Cristo os baptizados são «a luz do mundo»¹¹. A Transfiguração é um acontecimento de oração¹², que torna visível a Jesus Cristo, Luz de Deus.

⁶ LEÃO MAGNO, «Sermão sobre a Transfiguração do Senhor», in IDEM, *Sermões*, Paulus, S. Paulo 1996, 131-132.

⁷ C. MARTINI, *La trasformazione di Cristo e del cristiano alla luce del Tabor. Un corso di esercizi spirituali*, Rizzoli, Milano 2004, 87.

⁸ C. ANDRONIKOV, *Il senso delle feste*, AVE, Roma 1973, 217.

⁹ «A luz tem o baptistério como referente porque este dá à luz e restitui à luz; é ao mesmo tempo seio fecundado que gera e sepulcro atravessado que regenera» (VALENZIANO, *Architetti di Chiese*, Edizioni Dehoniane Bologna, Bologna 2005, 121).

¹⁰ No Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos, após a entrega da vela acesa, o celebrante diz: «Agora sois luz em Cristo. Vivei sempre como filhos da luz. Perseverai na fé, para que, quando o Senhor vier, possais ir ao seu encontro com todos os Santos, no reino dos céus», (RITUAL ROMANO reformado por decreto do Concílio Ecuménico Vaticano II e promulgado por autoridade de S. S. o papa Paulo VI, *Iniciação Cristã dos Adultos, segunda edição típica*, Gráfica de Coimbra, Coimbra 1995, 144).

¹¹ Mt 5,14; «A luz de Cristo gloriosamente ressuscitado nos dissipe as trevas do coração e do espírito», (MISSAL ROMANO, Vigília pascal, preparação do círio, 284).

¹² Cf. J. RATZINGER, BENEDETTO XVI, *Gesù di Nazaret*, Rizzoli, Milano 2007, 357.

- b) Na simbologia bíblica, as vestes brancas indicam as obras do cristão¹³ e a ressurreição¹⁴. A investidura da veste branca na Iniciação Cristã¹⁵ é como um revestir-se de Cristo «*baptismum Christi induerit*»¹⁶, segundo a interpretação paulina, em que a fé e o Baptismo se incluem reciprocamente: «*vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus, pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo*»¹⁷. Neste revestimento de Cristo consiste a graça e a salvação.
- c) No Tabor, uma nuvem luminosa envolve os discípulos¹⁸. Da nuvem ouve-se a voz do Pai «este é o meu filho muito amado: escutai-o»¹⁹. No primeiro grau do catecumenado – o rito da admissão dos catecúmenos – a oração conclusiva das preces salienta: «*Deus (...), acolhei com amor os catecúmenos, que estão diante de Vós e connosco escutaram a Palavra do vosso Filho. Pela força desta Palavra renovai-os em seu coração, e pela vossa graça conduzi-os até à perfeita semelhança com Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho ...*»²⁰. A Palavra criadora sobre cada cristão faz dele um filho como Jesus. Assim, no acontecimento da Transfiguração antecipa-se a

¹³ Cf. Mt 5,6; Ap 3,4-5.

¹⁴ Cf. Mt 17,2; Ap 4,4.

¹⁵ O Ritual da Iniciação Cristã dos adultos apresenta o seguinte texto para a imposição da veste branca: «*Agora sois nova criatura e estais revestidos de Cristo. Recebei a veste branca, e apresentai-a, sem mancha, no tribunal de Nosso Senhor Jesus Cristo, para viverdes eternamente com Ele*», (RITUAL ROMANO, *Iniciação Cristã dos Adultos*, 144).

¹⁶ TERTULIANO, «*De Baptismo 12,2*», *Sources Chrétiennes* 35, Les Éditions du CERF, Paris 2002, 83.

¹⁷ Gal 3,26-27.

¹⁸ Na Liturgia bizantina canta-se este Káthisma: «*Transfiguraste-te, ó Jesus, no monte Tabor e uma nuvem luminosa descendo como uma tenda cobriu os Apóstolos com a tua glória: eles estavam por terra não podendo fixar o fulgor da inacessível glória do teu rosto, ó Salvador Cristo, Deus sem princípio. Tu, que fizeste brilhar a tua glória sobre os Apóstolos, ilumina as nossas almas*», ANTHOLOGION DI TUTTO L'ANNO, vol. IV, *commemorazione della santa Trasfigurazione del Signore e Salvatore nostro Gesù Cristo*, Lipa, Roma 2000, 862-863.

¹⁹ Mc 9,7.

²⁰ RITUAL ROMANO, *Iniciação Cristã dos Adultos, segunda edição típica*, 64.

transformação cristã operada no Baptismo e renovada na Eucaristia²¹.

Na liturgia da Igreja, sobretudo através dos sacramentos, comunica-se a vida em Cristo. «Esta é a vida em Cristo: os divinos mistérios a formam, mas também o cuidado humano tem qualquer parte»²². E, este é um caminho de transfiguração.

+ José Cordeiro

²¹ «O alimento celeste que recebemos, Senhor, nos transforme em imagem de Cristo, que no mistério da transfiguração manifestastes cheio de esplendor e de glória», (MISSAL ROMANO, Oração depois da comunhão da festa da Transfiguração).

²² CABASILAS, N., *La vita in Cristo (Fonti medievali per il terzo millennio, 11)*, Città Nuova, Roma ³2000, 99.